

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VIRLAINY DE SOUSA ROCHA

**CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO:
PROCESSO E CONCEPÇÕES DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NUMA
PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA**

PICOS
2017

VIRLAINY DE SOUSA ROCHA

**CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO:
PROCESSO E CONCEPÇÕES DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NUMA
PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para conclusão do curso.

Orientador: Professor Me. Nilton Ferreira Bittencourt Júnior

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R672c Rocha, Virlainy de Sousa

Contribuições para a construção do sentido: processo e concepções da aquisição da leitura e escrita numa perspectiva psicopedagógica / Virlainy de Sousa Rocha.– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (37 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof. Me. Nilton Ferreira Bittencourt Junior.

1. Leitura. 2. Escrita-Dificuldades de Aprendizagem.
3. Psicopedagogia. I. Título.

CDD 372.4

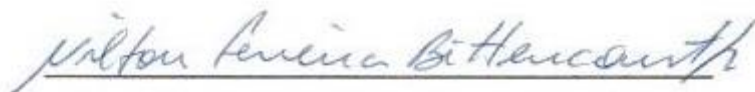
VIRLAINY DE SOUSA ROCHA

**CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO:
PROCESSO E CONCEPÇÕES DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NUMA
PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para conclusão do curso.

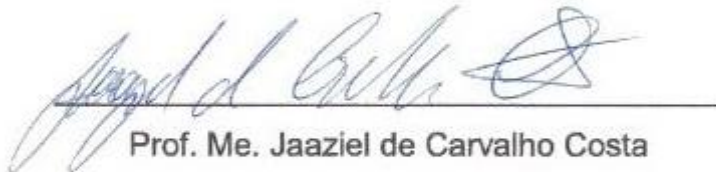
Aprovada em 24 de Novembro de 2017.

Banca Examinadora:



Prof. Me. Nilton Ferreira Bittencourt Júnior

Orientador



Prof. Me. Jaaziel de Carvalho Costa

Examinador 1



Prof. Me. Maria Gomes Fernandes

Examinador 2

PICOS

2017

A Deus e a todas as pessoas que me apoiaram e fortaleceram com palavras de motivação. Em especial aos meus pais, as minhas irmãs Thairlâiny e Laiany, a quem dedico meu amor incondicional, e aos meus avós Antônio e Teresa, que esperavam eu chegar em casa todas as noites durante essa jornada, pelos quais sinto um imenso carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que torna possível todas as coisas, que concedeu a minha vida e que me sustenta todos os dias me dando saúde e força para vencer as dificuldades.

A minha família que esteve comigo em todos os momentos da minha existência, me incentivando e sempre acreditando que eu fosse capaz de chegar até aqui. Sou grata pelo amor, carinho e compreensão a que me dedicaram, esta vitória é nossa!

Ao professor Me. Nilton Ferreira Bittencourt Júnior, pela orientação e ajuda que me foram dados na elaboração deste trabalho.

A Tássio Ernandes, por estar presente em todas as etapas da pesquisa.

Aos professores e colegas, em especial a Elda, Dalyla, Celiomar e Wilian por terem me ajudado nos momentos difíceis do curso.

Enfim, agradeço a todos os que contribuíram direta e indiretamente na minha formação. O meu muito obrigado!

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz conhecimento (PCN, Língua Portuguesa, v.2, 1998, p.23).

RESUMO

O presente trabalho visa refletir sobre as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, especificamente, da leitura e escrita na construção do sentido, sendo a análise realizada sobre uma perspectiva psicopedagógica, reconhecendo seu potencial de interação com outras áreas do conhecimento em sua abordagem reeducativa sobre a temática do fracasso escolar. É reforçado o discurso de que, para o desenvolvimento da escrita e para a construção do sentido, é necessária a presença da leitura. Aqui, não nos restringimos somente no que concerne os livros, mas também aos diversos símbolos, a uma leitura de mundo. Dessa forma, observamos abordagens, sob a ótica da psicopedagogia, a respeito dos sentidos produzidos por seus interlocutores durante o processo de construção de textos, discussão que perpassa o ambiente escolar, campo de análise do processo de aprendizagem da leitura e escrita, e permeia o meio socializante. O foco discursivo da pesquisa é salientar a existência de dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e escrita e, como nesse cenário, a presença da psicopedagogia pode servir de suporte para solucionar esse problema.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Escrita; Dificuldades de aprendizagem; Psicopedagogia.

ABSTRACT

The present work aims at reflecting on the difficulties encountered in the learning process, specifically reading and writing in the construction of meaning, being the analysis carried out on a psychopedagogical perspective, recognizing its potential for interaction with other areas of knowledge in its reeducative approach to school failure. It is reinforced the discourse that, for the development of writing and for the construction of meaning, the presence of reading is necessary. Here, we are not restricted only in what concerns books, but also to the various symbols, to a reading of the world. In this way, we observe approaches, from the point of view of psychopedagogy, regarding the meanings produced by their interlocutors during the construction of texts, discussion that crosses the school environment, field of analysis of the learning process of reading and writing, and permeates the socializing environment. The discursive focus of the research is to highlight the existence of difficulties in the learning process of reading and writing and, as in this scenario, the presence of psychopedagogy can serve as a support to solve this problem.

KEYWORDS: Reading; Writing; Learning difficulties; Psychopedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. O PAPEL DA LEITURA, ESCRITA E DA INTEPRETAÇÃO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO.....	14
1.1. A aquisição da leitura e escrita: processo e dificuldades.....	15
1.2. Refletindo sobre a construção do sentido.....	19
CAPÍTULO 2. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA.....	23
2.1. A psicopedagogia no âmbito escolar.....	25
2.2. Contribuições no processo de aprendizagem.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita e, conseqüentemente, da construção do sentido por parte dos educandos é um tema que, embora não seja recente, encontra-se constantemente em pauta discursiva por educadores no contexto atual. A existência de uma não compreensão por parte destes alunos, da escola e de seus familiares sobre os possíveis motivos que podem vir a resultar num contexto de fracasso escolar tem contribuído para a formação de um sujeito frustrado, gerando na maioria dos casos responsabilidades quanto a culpa deste resultado, sem de fato, encontrar o motivo e possíveis soluções para o encerramento dessa problemática de uma maneira satisfatória.

O fracasso escolar nas aprendizagens iniciais é fato constatável por qualquer observador. O que, porém, também prova a persistência das causas que o provocam; embora as boas intenções de educadores e funcionários, o problema subsiste. Caberia perguntar-se, então, se as causas dos fracassos não ultrapassam os limites da escola para se converterem num problema do sistema educacional como tal (FERREIRO & TEBEROSKY, 1991, p. 16).

Enquanto profissionais da educação, é necessário enaltecer a importância de discutirmos incessantemente essa temática, reforçando a preocupação com a perspectiva do fracasso escolar e o processo de ensino-aprendizagem existente, compreendendo a complexidade desse problema arraigado no sistema educacional. Seguindo essa linha lógica de raciocínio, emerge o objetivo dessa pesquisa: gerar uma reflexão acerca do processo de aprendizagem da leitura e escrita, numa perspectiva psicopedagógica, destacando as contribuições desse campo para sua aquisição.

A intenção dessa pesquisa não é identificar tecnicamente quais as dificuldades encontradas pelo sujeito no processo de aprendizagem, apontando cronologicamente, de maneira metódica, suas raízes, fases e complexidades. Parte-se do interesse real em gerar uma reflexão acerca da existência de dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita que influencia diretamente na construção do sentido, onde, conseqüentemente, afeta sua significação, entendendo o caráter social transformador

de sua funcionalidade. Dessa forma, não são os meios que determinam as dificuldades que estão sob a ótica da pesquisa, mas os resultados que estas provocam na formação do sujeito.

Segundo Helena Martins (1994), se observarmos o processo de aprendizagem da leitura e escrita nas escolas, nos deparamos com uma complexidade proporcionalmente significativa quanto a construção do sentido, onde, não representa ser possível ao educando estabelecer uma relação entre os escritos e seus significados. Afinal, quais são os fatores que inviabilizam essa prática? Sabemos que a leitura e a escrita constituem competências não apenas de uso, mas de compreensão em sociedade, contribuindo no desenvolvimento da capacidade de interpretar e estabelecer significados de diferentes textos, criando e promovendo variadas experiências, situações novas que levem a uma utilização diversificada do ler e escrever.

Entendemos que a prática pedagógica não constitui uma tarefa fácil, sendo frequentemente desafiada no saber lidar com a diversidade presente no ambiente da sala de aula. A atuação do educador de maneira reflexiva e consciente o faz enxergar suas limitações no decorrer desse processo, observando a necessidade de um trabalho coletivo com outros profissionais, na tentativa de solucionar os problemas existentes na aprendizagem (BOCHNIAK, 1992). Aqui, emerge o destaque dado a psicopedagogia nessa pesquisa.

A psicopedagogia trouxe contribuições importantes ao campo da educação, podendo vir a enriquecer as discussões acerca das dificuldades encontradas na prática da leitura e da escrita, ao promover reflexões sobre o processo de aprendizagem humana, focalizando, conforme Nádia Bossa (1994), o ser em formação. O profissional desta área encontra-se apto para diagnosticar as dificuldades nesse processo através de intervenções, atento as singularidades e os aspectos como um todo, que compõem o universo de cada indivíduo.

Dentro deste discurso, este trabalho busca analisar a abordagem da psicopedagogia na área de leitura e escrita, a compreendendo como suporte para solucionar os problemas de aprendizagem, numa perspectiva onde seja possível refletir sobre a realidade contextual do aluno e da escola como um campo interativo, sintetizando de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais,

orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos, determinantes a condição do sujeito no contribuir de sua formação em sua totalidade.

Para tanto, principia-se com o primeiro capítulo do trabalho, no esforço de promover uma abordagem acerca o processo de aprendizagem da leitura e escrita, destacando seu papel na formação do sujeito e os fatores determinantes que levam a dificuldades em seu decorrer. Dando continuidade, no segundo capítulo é promovida uma análise sobre o campo da psicopedagogia para, posteriormente, ser feita uma abordagem sobre suas possíveis contribuições a educação no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Por fim, é promovida uma reflexão do conteúdo da pesquisa.

Para a promoção desta análise tomamos o uso da metodologia apontada no contexto bibliográfico que aborde o conteúdo da aprendizagem significativa relacionada a uma atenção psicopedagógica. Classificamos assim de qualitativa essa frente de pesquisa, na qual exige do pesquisador reflexão pessoal, autônoma criativa e estritamente rigorosa (SEVERINO, 2002), onde, será trabalhado com o universo dos significados, aprofundando-se nesse mundo de maneira interpretativa, dentro das ideologias que norteiam os pensamentos dos autores aos quais serão dialogados, como, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Jorge Visca, Nádía Bossa, Simaia Sampaio, entre outros, possibilitando a produção de conhecimentos a respeito de um assunto permeado de interrogações.

CAPÍTULO 1

O PAPEL DA LEITURA, ESCRITA E DA INTEPRETAÇÃO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Conhecer as letras e as formas de combiná-las não significa necessariamente saber ler, embora esses conhecimentos façam parte da leitura e da escrita, incorporados ao seu conhecimento. O ato de ler é mais do que a ação de decifrar códigos linguísticos, é construir sentidos. Segundo Emília Ferreiro e Margarita Palácio (1990), em relação aos conceitos de leitura e escrita podemos dizer de maneira sintética que ler é atribuir significado a um texto, é produzir uma ideia com funções definidas. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente (BRASIL, 1998, p. 54).

A concepção da escrita está ligada a leitura uma vez que as duas atividades fazem parte do processo comunicativo entre o autor e leitor. Apesar de apresentadas como dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que “se modificam mutuamente no processo do letramento” (BRASIL, 1998, p. 55). Sendo assim, para aprender a ler não basta somente conhecer os sistemas de escrita, mas, as características da linguagem escrita.

Diferentes funções são desempenhadas pela escrita como: informar, auxiliar, memorizar, opinar, divertir, entre outras, que fazem parte da vida em sociedade e não pode ser classificada como uma atividade estritamente escolar. Seu caráter de funcionalidade impõe uma mudança de foco na prática pedagógica, onde, a ênfase deverá recriar no processo e não no produto, compreendendo que, no ato da produção textual, é fundamental saber para quem a mensagem estará sendo expressa (MATÊNCIO, 1994). O ato de escrever é um processo de construção e reconstrução do sentido em relação ao que se vê, ouve, sente e pensa em determinados momentos

da vida, algo com o qual estamos tão acostumadamente inseridos que nem sequer notamos o tamanho de sua complexidade.

A preocupação com a aprendizagem da leitura e escrita sempre foi algo presente. A cada fase histórica muda-se seu conceito, estando, fundamentalmente, na contemporaneidade relacionada ao papel que exerce socialmente na construção do indivíduo, enquanto ser vivente nesse espaço. A importância de sua aquisição encontra-se ligada ao contexto social vigente, globalizado, onde exige do ser humano não apenas a competência da compreensão dos textos escritos, mas do meio que o cerca, a tal leitura de mundo, permitindo não somente sua inserção nesse ambiente, mas sua participação como sujeito ativo.

O desenvolvimento da competência comunicativa, da leitura do meio ao qual encontra-se inserido, das possibilidades de agir e se posicionar frente as ações do dia a dia através da exteriorização do pensamento e de sua transmissão, resulta e necessita do uso preciso da linguagem na adequação de seus discursos e na compreensão daquilo que está sendo transmitido, a partir de um contexto sócio-histórico e ideológico, adquirido somente através de sua aprendizagem.

1.1. A aquisição da leitura e escrita: processo e dificuldades

Segundo Frank Smith (2003), a leitura e a escrita são consideradas conhecimentos complementares do desenvolvimento de competências no indivíduo. Sua aprendizagem está condicionada a diversos fatores que podem vir a resultar num bom ou não desempenho desse processo. Ter clareza quanto a diversidade de uso e funções que ambas exercem tanto do ponto de vista conceitual quanto procedimental é algo que emerge como importante na busca pela compreensão da expressão, indo além da decodificação de símbolos e da representação gráfica.

Estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecermos que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização (FERREIRO, 1995, p. 64).

A concepção de estudiosos sobre o processo de aquisição da leitura e escrita inicia anterior a presença da criança no ambiente escolar e está relacionada ao entendimento da existência do seu contato com materiais escritos já em sua vivência social. Segundo Emília Ferreiro (1995), a criança, ao pensar sobre a escrita começa a formular hipóteses como forma de compreender seu significado, algo comum em todas elas dentro de um processo evolutivo. A atribuição de significado aos traços contínuos pelas crianças caracteriza uma atividade de escrita evoluída gradativamente em seu processo de aprendizagem, o que não deve ser desconsiderado.

Desde que nascem – as crianças – são construtoras de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muitos difíceis e abstratos e tratam, por si próprias, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles (FERREIRO, 1995, p. 65).

No ato do ingressar em ambiente escolar, o indivíduo é colocado frente as demandas normatizadoras do ensino formal, num processo acumulativo de informações perpassadas pelo profissional docente, devendo ser assimiladas passivamente pelo educando, em contramão a postura ativa da criança destacada por Emília Ferreiro (1995), na formulação de hipóteses no exercício da compreensão dos significados atribuídos.

Compreende-se que a existência de demandas próprias na aprendizagem da leitura e escrita devem ser articuladas pelo educador de forma mediadora ao processo evolutivo da criança, destacando a importância da somatória das práticas de ensino da instituição educacional com o papel atuante deste ser durante esse processo, observando as peculiaridades individuais e as singularidades envolvidas no seu desenvolvimento.

Partindo da premissa da perspectiva pedagógica, o problema no processo da aquisição da leitura e escrita, tradicionalmente, está ligado de maneira intrínseca a uma questão metodológica, onde, segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991):

A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos *sintéticos*, que partem de elementos menores que a palavra e métodos *analíticos*, que partem da palavra ou de unidades maiores (FERREIRO & TEBEROSKY, 1991, p. 18).

Fundamentalmente, o método sintético reside na correspondência entre o som e a grafia, a partir de uma questão mecânica, onde adquire-se a técnica para a decifração do escrito, ocorrendo a aprendizagem por meio da repetição de letra por letra, sílaba por sílaba, palavra por palavra (FERREIRO & TEBEROSKY, 1991). Sua exclusividade de uso e sua ênfase decodificadora descontextualiza o uso e função social da escrita, caracterizando uma artificialidade mecanizada do treinamento de letras, sílabas e fonemas, não possibilitando a exploração da complexidade existente entre escrita e fala, e assim, sua significação.

Já o método analítico, parte de unidades maiores para as menores, em contraposição ao método sintético, correspondendo a um ato global e ideográfico pela análise e decomposição progressiva do material no trabalho da leitura e escrita, considerando o significado do texto no início da aprendizagem (FERREIRO & TEBEROSKY, 1991). A divergência entre os defensores de ambos os métodos resultou no surgimento do chamado método analítico-sintético, somando análise e síntese, partindo de um todo e ainda movido pelo som, sílabas, palavras e frases, sinteticamente.

Todavia, tais métodos tradicionalistas se posicionam para o *como deve se ensinar*, caracterizados pela mecanização e memorização do educando que, nesse contexto, é impossibilitado de externar conhecimento, passivo e perceptivo nesse processo de aprendizagem, limitando-se a leitura, a escrita e a construção do sentido de produções textuais de caráter funcional e social, ficando a margem sua capacidade cognoscitiva.

O processo de aprendizagem da leitura e escrita deveria ocorrer naturalmente, não com um fardo ao aprendente, uma obrigação, mas como algo prazeroso e significativo. O caráter mecânico inibe a construção de uma interpretação crítica de conhecimentos adquiridos e da compreensibilidade do uso linguístico, que potencializam a evolução humana, acarretando num cenário dificultoso do

aprendizado que, senão identificado e corrigido, ocasionará complicações em seu desenvolvimento.

Motivo de preocupação de educadores e pessoas ligadas ao sistema de ensino, os problemas de aprendizagem representam um tema complexo constantemente debatido sobre diferentes enfoques a respeito de sua causalidade. A dificuldade na aquisição da leitura e escrita e, correspondentemente, a sua associação ao fracasso escolar pode envolver, conforme Teresinha Nunes (1992), tanto fatores extraescolares como intraescolares, tais como os relacionados aos aspectos biológicos e psicológicos como também aos fatores socioeconômicos, culturais e até mesmo a promoção de um currículo inadequado.

Emília Ferreiro (1995) destaca que a aprendizagem da leitura e escrita não caracteriza um processo uniforme, ocorrendo da mesma forma em todos os indivíduos inseridos nesse contexto. Sua singularidade e a forma como é orientada podem ocasionar uma complexidade na sua aquisição de modo geral, sendo desenvolvida de maneira diferente em cada ser em construção. O sucesso e o fracasso nesse processo são resultados de diferentes fatores. Entendê-los e buscar alternativas que venham a solucioná-los é o desafio de educadores e pesquisadores.

A universalidade do ensino formal no Brasil não significa, necessariamente, como sendo sinônimo de qualidade educacional, visto a lacuna de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita que permeia o âmbito escolar. Embora, a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB) venha a amparar o ingresso e a permanência de todos na escola (BRASIL, 1996), a transmissão do conteúdo em pauta do Plano de Ensino ofertado não chega de maneira igual, promovendo o sucesso de alguns e o fracasso de outros nesse trilhar, provocando o desestímulo com o ensino e, em muitos casos, a evasão escolar, tópico de debates da educação pública.

Ao considerarmos o hábito de ler e escrever como essenciais para o convívio do indivíduo em sociedade, no seu inserir e exercer em diferentes ações de atividades requeridas em sua ambiência, postulamos a educação formal como detentora de uma valiosa importância sociocultural. Dessa forma, o bom desempenho formador caracteriza-se como fundamental dentro desse contexto social moderno, no

desenvolvimento de competências nos seus diversos gêneros. Contudo, quanto a noção que temos sobre o processo de alfabetização, segundo Emília Ferreiro (2001):

É necessário mudar a própria concepção do objeto, para que se entenda por que a alfabetização implica em um trabalho conceitual, que em certo sentido é similar ao caso da matemática. A criança pode recitar o abecedário, tanto como recitar a série dos números. Contudo, isso não basta para chegar a noção de número, nem basta para entender o que está escrito e qual a sua relação com a língua oral. A modificação do objeto conceitual é imprescindível (FERREIRO, 2001, p. 22).

Nesse entender, não podemos enxergar o processo de alfabetização como sendo um mero desenvolvimento da capacidade do reconhecimento de letras e sua repetição por intermédio da cópia. As situações discursivas ao qual o indivíduo encontra-se inserido salienta a necessidade de não classificarmos, genericamente, a escrita a códigos no transcrever da fala. Busca-se uma significação do aprendizado além de uma abordagem mecanizada, possibilitando a extenuação de conhecimento daquele que aprende, no entender do que é produzido e sua relação com a linguística.

O ambiente dificultoso que caracteriza o processo de aprendizagem está intrinsecamente relacionado tanto aos fatores extraescolares como intraescolares, conforme destacado anteriormente. Favorece essa lacuna a abordagem metodológica adotada no transmitir do saber, onde, não busca atender a singularidade presente no ambiente de aprendizado (FERREIRO, 1995). Trabalha-se com o material humano, detentor de experiências e complexidades distintas quanto a noção e interpretação de mundo. Adotar uma mesma forma de abordagem a todos e classificar seus resultados como sendo de processos semelhantes é promover um engessamento do saber, da clareza, do raciocínio, do pensamento crítico, como sendo seres passivos, sem vontade própria, agindo e correspondendo mecanicamente ao que é ofertado.

1.2. Refletindo sobre a construção do sentido

A promoção do desenvolvimento das habilidades intelectuais do indivíduo passa, concomitantemente, pela prática significativa da leitura (MARTINS, 1994). A

rotina mecanizada da aprendizagem no ambiente escolar tem levado os estudantes a serem excluídos de uma construção crítica do saber por meio da automação de conteúdos transmitidos pela repetição de ações, na busca de assimilar o maior número de pautas pelo professor de maneira passiva, sem o exercer interpretativo do texto em seu indagar como sujeito ativo que deve ser nesse ambiente.

A linguagem acompanha o homem em sua experiência de vida diária. Essa realidade traz-nos algumas reflexões inevitáveis tais como: por que muitos educandos, mesmo concluindo a Educação Básica, ainda leem de maneira deficiente, mal sabem escrever, quase nada conhecem da produção literária de seu país? Por que a língua portuguesa é, para eles, uma barreira que os impede de exercer plenamente seus direitos e suas potencialidades como usuários da língua? Por que no momento de “produzir textos” encontram tantas barreiras na produção do sentido? (ROINDO & SOUZA, 2008, p. 70).

Esse processo vem resultando no desenvolvimento – ou numa lacuna deste – de indivíduos sem uma capacidade ativa de interpretar não só produções materiais, mas também a realidade na qual encontram-se inseridos, desmunidos de uma capacidade crítica e, assim transformadora, de agirem conforme as necessidades que emergem em sua vivência. Estamos falando da carência da possibilidade de uma leitura de mundo, resultado de um não desenvolvimento pleno de sua educação linguística.

Para que sejamos seres atuantes e conscientes do papel que exercemos na sociedade, precisamos refletir criticamente sobre nossas ações em diferentes atividades ao qual somos postos em confronto a todo instante. Nosso agir partirá da análise do que de fato é o mais sensato a se fazer. Embora pareça algo simples, nos posicionarmos dessa maneira exige capacidade cognoscitiva, e a língua é o veículo por onde expressamos nossos pensamentos.

Parece ser consenso que a leitura melhora o desempenho oral e escrito, enriquece o vocabulário, aumenta o nível de informação e conhecimentos gerais, desenvolve o senso crítico, desperta a curiosidade, a sensibilidade e o raciocínio. Todas essas vantagens são suficientes para que haja um maior esforço em fazer dos educandos leitores críticos e, conseqüentemente, a tornarem-se cada vez mais eficientes usuários da língua em seu aspecto oral e escrito (ROINDO & SOUZA, 2008, p. 70).

Tal posicionamento sustenta o argumento defendido a princípio desse trabalho, onde, entende-se que para o desenvolvimento da escrita e para a construção do sentido, é necessária a presença da leitura. Para tanto, parte-se do pressuposto do caráter significativo da mesma, na compreensão de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, onde, conforme Paulo Freire (1983), a significação de uma produção textual não se conclui por si, mas por meio da ação do leitor sobre esta, através de sua experiência, de sua visão de mundo, sendo refletido dessa forma valores sociais.

[...] na construção de sua visão de mundo, o leitor não pode ser entendido como alguém que se encontra sozinho. Enquanto lê, aspectos do seu social determinam a leitura e tornam elementos essenciais na constituição do significado. Há na relação de leitura uma prática discursiva, na qual o leitor vai construindo sentidos com base na sua história enquanto interage com o texto. Espera-se que o leitor, no ato de ler e interagir com o texto, seja capaz de se identificar com o texto de modo que sujeitos (autor e leitor) produzam significação (ROINDO & SOUZA, 2008, p. 71).

As relações estabelecidas entre interlocutores e textos devem ser analisadas indo além da decodificação, atento ao caráter indissociável da leitura e da escrita no seu processo de aquisição. Faz-se necessário a precisão das ações na constituição dos saberes dentro da noção de construção do conhecimento, por meio do consenso do papel do ensino que, não apenas se prontifica em transmitir o já conhecido, mas transcenda para a capacidade da reflexão crítica, além da sistematização metódica desse processo, como caracterizado na afirmação de Hilton Japiassu (1977) sobre o conceito de saber:

É considerando saber, hoje em dia, todo um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados, susceptíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino (JAPIASSU, 1977, p. 15).

Enxergamos nesse posicionamento o emprego dos conceitos de aquisição e transmissão, mas somos impossibilitados de vislumbrar o aspecto construtivo do conhecimento no sujeito. Postulamos a argumentação, com base na teoria

construtivista de Jean Piaget (2002), de que ensinar não é apenas transmitir, mas o processo que possibilita a capacitação da observação e da reflexão crítica no indivíduo.

Aqui, amparamos a real importância da aquisição da leitura e escrita na formação do sujeito enquanto inserido e atuante em sociedade: o conhecimento não esmera um processo cumulativo, há uma relatividade em si provocada pela interferência do imaginário determinante das funções sociais. A simples aquisição por meio da transmissão não é suficiente para sua formação, sendo necessário o instigar e exercitar de sua capacidade reflexiva crítica, no sentido que este ser consiga dar significado a suas ações.

CAPÍTULO 2

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Nascida na Europa do século XIX, a psicopedagogia é compreendida como a área do conhecimento que estuda o processo de construção do saber nos indivíduos, onde, se propõe a explicar possíveis causas que dificultam a aprendizagem, com o objetivo de atuar preventivamente e/ou identificar os fatores responsáveis por esta deficiência. Os primeiros centros psicopedagógicos fundados no continente europeu, em 1946, possuíam direção médica e pedagógica, unindo conhecimentos da psicologia, psicanálise e pedagogia. Tinham como objetivo readaptar crianças consideradas portadoras de dificuldades no processo de aprendizagem e/ou que apresentavam comportamentos “socialmente inadequados” na escola e no lar (BOSSA, 1994).

Cabe aqui, abrir um parêntese na análise para enfatizar a ideia de comportamentos considerados “socialmente inadequados”. Esta nos remete ao conceito de dominação tão discutido pelo filósofo Michel Foucault (2001), no ato de disciplinar o comportamento do sujeito para o “aceitável” em determinado contexto histórico, dentro dos padrões pré-estabelecidos pela classe dominante. Aquele que não se encaixa nesse molde de “sociedade disciplinar” é estereotipado como problemático, de comportamento impróprio e, por isso, deve ser reconduzido para um convívio harmônico, o que caracterizaria, nesse contexto, a psicopedagogia o exercer de uma prática de poder típica do *panoptismo*, termo que, segundo o próprio filósofo, representa um dispositivo que controla e manipula o sujeito dentro dos valores tradicionais postulados pela ideologia hegemônica (FOUCAULT, 2001).

Ressalta-se a importância deste campo não ser associado como um instrumento reprodutor da ideologia de uma classe dominante em determinado contexto histórico, embora, numa sociedade de classes, o interesse do controle e do poder sobre a outra seja exercido e legitimado por meio de aparelhos que provocam a massificação e limitação do comportamento do indivíduo (MARX & ENGELS, 2002). O propósito da psicopedagogia não está em reproduzir uma ideologia dominante, nem

tão pouco limitar o condicionamento do sujeito na sociedade, mas sim de proporcionar a este o solucionar de suas dificuldades de aprendizagem, trabalhando o aprender numa concepção que relacione o indivíduo e seu meio, suas disposições afetivas e intelectuais e, assim, não o desvinculando de sua realidade social.

Também, não devemos genericamente compreender a psicopedagogia como a simples fusão da pedagogia com a psicologia, visto a abrangência conceitual ao qual recorre para obter conhecimento necessário em sua ação, o que vai além do específico destas duas áreas. Embora a etimologia da palavra sugira a somatória entre psicologia e pedagogia em sua construção, o potencial de aprendizagem do ser humano respalda a integração de outras ciências nesse campo do conhecimento, enfatizando seu caráter interdisciplinar, aliando conhecimentos na promoção do seu objeto de estudo.

Os diversos autores que tratam da psicopedagogia enfatizam o seu caráter interdisciplinar. Reconhecer tal caráter significa admitir a sua especificidade enquanto área de estudos, uma vez que, buscando conhecimento em outros campos, cria o seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade (COSTA; PINTO; ANDRADE, 2013, p. 11).

Essa interdisciplinaridade, caracterizada também pela inexistência da estruturação organizada do seu corpo de conhecimento, é fruto de falhas inicialmente cometidas em suas ações, onde, o debruçar somente no campo da psicologia não se mostrou suficiente para compreender a existência dos problemas e suas soluções, principalmente pela tomada de ideologias psicológicas radicais como o Behaviorismo e o Movimento Humanista nos anos de 1960/1970, que promoveram o enxergar equivocado do aluno como um ser passivo e separado da realidade. Ainda nessa época, houve a medicalização dos problemas de aprendizagem, diagnosticada pelos professores como resultado de disfunções psiconeurológicas, mentais e/ou psicológicas, diagnósticos reforçados por médicos através da aplicação de tratamentos com medicamentos (BOSSA, 1994).

Nos anos de 1980, o social passa a ter uma importância mais relevante no processo de aprendizagem, contudo a complexidade do ser humano exigia ir além de um posicionamento por um único viés, seja, biológico, psicológico ou social. Todas as

esferas deveriam ser consideradas, entendendo a variedade de causas que determinariam dificuldades no decorrer da aprendizagem. É na Argentina, ainda na década de 1970, que a psicopedagogia vai encontrar espaço para seu pleno desenvolvimento, com a institucionalização de cursos de graduação para sua área e com o surgimento dos Centros de Saúde Mental, trabalhando-se as possíveis raízes do problema pela associação não excludente de diferentes fatores (BOSSA, 1994).

No Brasil, a psicopedagogia chega na mesma década de 1970, através da oferta de cursos formais nas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro, aos quais possuíam denominações variadas, como: Psicopedagogia Terapêutica, Dificuldades Escolares, Reeducação Psicopedagógica. A partir de 1985 é instituída no país a Associação Brasileira de Psicopedagogia, um avanço para essa área iniciado ainda no ano de 1980, quando, em São Paulo, foi criada a Associação Estadual de Psicopedagogos (BOSSA, 1994).

Atuando no Brasil de forma a orientar os conteúdos de ensino com um grau maior de dificuldade para o aprendente, sua apropriação e a promoção do desenvolvimento do raciocínio, principalmente pela aplicação de atividades lúdicas, diferenciou-se da prática pedagógica por buscar resgatar os elementos essenciais do aprender e não o que deve ser aprendido. Atualmente, a psicopedagogia encontra-se dividida em duas áreas de atuação: a clínica, vista como curativa ou terapêutica, com propósito de diminuir e tratar os problemas já instalados, e a institucional, vista como preventiva, presente no âmbito escolar, tendo seu trabalho voltado para as questões didático-metodológicas, bem como a orientação de professores e pais.

2.1. A psicopedagogia no âmbito escolar

Presente em território brasileiro a partir da década de 1970, o campo da psicopedagogia juntou-se a preocupação de educadores e outros profissionais que trabalham ligados ao processo de ensino-aprendizagem, ou que tenham contato direta ou indiretamente com indivíduos que apresentem dificuldades em seu decorrer (BOSSA, 1994). Ao considerarmos o espaço escolar como sendo, em parte, grande responsável no processo formador do ser humano, o trabalho psicopedagógico se encaixa nessa ambiência por possuir caráter preventivo em sua intervenção, no

sentido de diagnosticar e procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas.

A importância de sua finalidade embasa-se em decorrência da realidade educacional existente, onde encontramos crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam o seio familiar e o ambiente escolar. Em função do potencial de aprendizagem do ser humano e dos déficits em sua execução, é necessário o questionamento das ações em instituições educacionais quanto a inclusão e promoção destes alunos com dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, a abordagem para a solução do problema.

Neste contexto, abrimos discussão para a presença do psicopedagogo no ambiente escolar, sendo este um profissional qualificado, apto a trabalhar no campo da educação, onde irá dar assistência aos alunos, educadores e outros profissionais da instituição de ensino, no intuito de proporcionar a melhoria das condições do processo de aprendizagem, bem como contribuir na prevenção dos problemas relacionados nesse exercer, através de técnicas e métodos próprios, visando à qualidade do processo de aprendizado em cada indivíduo, entendendo suas singularidades (VISCA, 1991).

Segundo Jorge Visca (1991), seu método de agir terá sempre como base a elaboração de um plano de intervenção, na previsão de atividades que, intencionalmente, estimulem o indivíduo. A organização dessas atividades é condicionada em salas de recursos multifuncionais, onde a ótica do trabalho estará voltada aos aspectos de desenvolvimento e aprendizagem, criando-se situações que estejam relacionadas com a vivência social do sujeito, onde, o permita constituir seus conceitos e desenvolver suas habilidades.

Tais situações deverão atentar aos aspectos emocionais e o instigar do desenvolvimento intelectual e motor. Na busca pela construção do pensar lógico, a resolução de fatos-enigmas é considerada uma ferramenta crucial. A utilização de jogos, brincadeiras, o lúdico em si, e a produção de materiais como textos e desenhos são etapas importantes desse processo, atento as necessidades específicas diagnosticadas pelo atendimento/acompanhamento do psicopedagogo.

Nesse acompanhamento estará também inserida a família, onde, serão coletadas informações sobre o indivíduo através da anamnese, ou seja, das recordações, sendo todos os aspectos de sua vida levados em consideração, desde o período de gestação, sua relação com o seio familiar, com a escola, seus vínculos e preferências, medos, vontades, momentos que aflorem estados de dependência e autonomia, tudo com o objetivo de compreender o surgimento de dificuldades. Esse processo de anamnese deverá ser feito antes da execução de atividades no atendimento, pois, irá possibilitar a identificação do perfil do sujeito, corroborando para a elaboração do plano de intervenção e sobre quais recursos metodológicos caberão ser utilizados.

Após identificado seu perfil, ocorre o seu encaminhamento para a realização de atividades, sendo executadas em três espaços em momentos alternados do processo. São eles: a sala de aula, a sala de recursos multifuncionais e o âmbito familiar. Na sala de aula, é observado o tempo levado para a realização de atividades e seus resultados, sua concentração, a comunicação com os outros integrantes desse espaço e sua coordenação motora na execução das ações exigidas. Nos outros dois espaços citados, é levado em consideração a expressão dos aspectos intelectuais, cognitivos, psicomotores, afetivos e sociais.

Todo esse processo determinará na aplicação de provas que permitam uma livre manifestação do saber desse sujeito, onde o essencial será a expressão do seu pensamento, de suas ideias, da sua leitura de mundo, sendo mais comum sua realização através do lúdico, por meio de jogos e brincadeiras. A aplicação destas provas, denominadas operatórias, é baseada em níveis que buscam realizar um estudo qualitativo das diferenças funcionais e quantitativo na análise do grau de pensar do sujeito onde, “[...] têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo” (WEISS, 2003, p. 106).

A atuação do psicopedagogo respalda-se, assim, num trabalho que parte tanto de uma teoria conceitual com métodos próprios, como também, da ação conjunta com toda a equipe escolar, estando o psicopedagogo mobilizado na construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem de forma a evitar

comprometimentos, elegendo a metodologia e/ou a melhor forma de intervenção com o objetivo de desobstruir o processo deficitário presente (VISCA, 1991).

Wagner Jardim (2001, apud SILVEIRA, 2014) faz uma classificação sobre os principais motivos que provocam alterações no processo de aprendizagem, destacando: disfunções cerebrais, problemas perceptivos, problemas psicomotores, afecções biológicas, problemas do comportamento, fatores ecológicos e socioeconômicos. Observa-se que são muitas as causas que podem vir a influenciar no processo de aprendizado, compreendendo a possibilidade de que nem a família ou o professor perceba a origem de seu surgimento. Contudo:

Não importa qual seja o fator contribuinte para o surgimento de uma alteração de aprendizagem, o meio onde o sujeito está inserido mostra-se como um dos principais, facilitando ou dificultando a aprendizagem. O ambiente familiar, social e escolar está diretamente ligado às influências de aprendizagem e comportamento do indivíduo (SILVEIRA, 2014, p. 116).

São, portanto, problemas extra e intraescolares, de proporções variadas, mas, que se não observados e tratados com precisão podem, conforme Jorge Visca (1991), determinar numa formação falha do educando em seu trilhar educacional e sua vivência em sociedade. Nesse contexto, para que o psicopedagogo consiga atingir seus objetivos, é preciso que o mesmo adquira a compreensão das causas que determinam a existência de dificuldades, abrindo espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem do sujeito.

Entretanto, salientamos que o aprendizado não é adquirido somente na escola, o mesmo é construído pela criança em contato com o social, junto com sua família e o mundo que o cerca. A família é o primeiro vínculo com a criança e é responsável por grande parte de sua educação, e de sua aprendizagem. Por meio desta aprendizagem ela é inserida no mundo cultural, simbólico e começa a construir seus saberes. A negligência ou a falta de conhecimento dos familiares sobre a sua importância nesse processo contribui negativamente na resolução do problema, onde notamos que:

Algumas famílias manifestam sua decepção pelos maus resultados escolares de seus filhos. Outras podem se apresentar indiferentes

pelas dificuldades da criança. Entretanto, o que se observa em comum a essas duas atitudes opostas é que ambas afetam o sujeito em sua totalidade, impedindo que ele cresça de forma natural e satisfatória (POLITY, 2001, p.16).

Nesse cenário, elucidamos o discurso de Elizabeth Polity (2001), onde, destaca a necessidade da compreensão do quanto a falta de um diagnóstico e métodos de ensino adequados podem ser prejudiciais a formação de uma criança que não está apresentando sucesso na aprendizagem. Nesse quesito, a intervenção psicopedagógica tem como proposta a inclusão dos familiares nesse processo, possibilitando o acompanhamento do trabalho junto aos professores, adquirindo o familiar papel participativo no processo de aprendizagem do indivíduo.

O ambiente escolar é detentor de uma enorme responsabilidade no que se refere a formação de sujeitos para o convívio em sociedade. Esmera-se a importância da psicopedagogia em seu contexto como sendo um instrumento que possibilite ao trabalho educacional investigar os fatores que bloqueiam o processo natural do aprender e proporcione sua eliminação por meio da reflexão-ação da prática pedagógica, estando seu olhar voltado para o sujeito com dificuldades de aprendizagem e as relações exercidas pelos membros que compõem esse espaço, conquistando, assim, gradativamente o saber.

2.2. Contribuições no processo de aprendizagem

Peça importante para a comunicação humana, a aprendizagem da leitura e escrita possibilita ao sujeito uma melhor compreensão do mundo que o cerca. A utilidade de seu domínio está nas relações sociais exercidas com outros indivíduos e recursos presentes. Dessa forma, a importância de sua aquisição não se resume somente as práticas diárias de ensino na sala de aula, num contexto de avaliação escolar, trata-se de um aprendizado para a vida, que determinará nosso posicionamento enquanto seres sociais.

O ato de aprender é amplo, não se limita apenas a uma técnica que associa grafemas a fonemas, vai muito além. O ato de ler deve levar

à produção de sentidos. A partir disso, vê-se que o desenvolvimento da leitura e da escrita somente será significativo se o aluno for capaz de compreender e avaliar uma mensagem escrita e de transformá-la em outra sonora, do mesmo modo, se for capaz de transformar uma mensagem sonora numa escrita (XAVIER; PAIVA; SILVA, 2014, n.p.)

A funcionalidade de seu aprendizado transborda as paredes da sala de aula para o exercício da cidadania, num processo de comunicação e sociabilização com os sujeitos circundantes do meio ao qual interage e aos diversos símbolos, que possibilitam aprender como classificar e se relacionar com o texto escrito de maneira diferente (TEBEROSKY & COLOMER, 2003).

A leitura de mundo exige preparo, conhecimento e criticidade. Não basta, conforme Emília Ferreiro e Margarita Palácio (1990), somente decifrar códigos linguísticos, se faz necessário a construção do sentido, atribuir significado a um texto. Entende-se assim, a importância que a aprendizagem da leitura e escrita possui na construção do indivíduo enquanto ser socializante. Confrontar as dificuldades encontradas em sua aquisição tem, acima de tudo, caráter social.

No que tange às dificuldades concernentes à aquisição da leitura e da escrita, exige-se pensar e refletir sobre algumas hipóteses. Essas dificuldades podem ter suas origens em: problemas emocionais, carência cultural, procedimentos de aprendizagem inadequados, alteração corporal, imaturidade no início da aprendizagem da leitura (XAVIER; PAIVA; SILVA, 2014, n.p.).

A multidimensionalidade dos problemas de aprendizagem exige a inter-relação de diversos fatores, como: orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos (XAVIER; PAIVA; SILVA, 2014). A sua percepção determinará uma atuação sobre diferentes enfoques, respeitando-se as singularidades presentes em cada contexto.

Entende-se, por muitas vezes, a existência de dificuldades para o educador agir nesse cenário, visto a abrangência de sua atuação e as atribuições ao qual são impostas no exercer do seu cargo, como: carga horária elevada; turmas com uma quantidade numerosa de alunos; o caráter mecânico das relações estabelecidas na sala de aula; a dificuldade de identificar o comportamento do aluno no âmbito extraescolar. Tudo isso impossibilita e/ou dificulta sua tentativa de solucionar as deficiências decorrentes do processo de aprendizagem.

É necessário, para eliminar os motivos que dificultam o aprendizado, o auxílio de instrumentos que possibilite seu diagnóstico, sua terapia e, até mesmo sua prevenção, qualificando o aprender e o desenvolvimento do sujeito. Aqui, abrimos espaço para o campo da psicopedagogia, sendo este, voltado a aprendizagem do indivíduo, onde, “procura auxiliar prevenindo, detectando, e tratando os problemas que surgem nesse processo” (XAVIER; PAIVA; SILVA, 2014, n.p.).

[...] a psicopedagogia institucional atua favorecendo os processos de aprendizagens, avaliando os métodos, a forma como acontece a aprendizagem e o funcionamento institucional, contribuindo àqueles que têm algum tipo de dificuldade para aprender, ou mesmo, de se adaptar a qualquer mudança na instituição. A psicopedagogia clínica, por sua vez, atua num sentido mais amplo, prevenindo, diagnosticando, tratando, promovendo as alternativas de mudança do que esteja influenciando e impediendo o indivíduo de aprender (XAVIER; PAIVA; SILVA, 2014, n.p.).

Ressalta-se que, não há o desejo em legitimar a importância da psicopedagogia no processo de aquisição da leitura e escrita na construção do sentido como sendo a única ou a principal maneira de reeducar o sujeito pelo eliminar de seu déficit de aprendizagem. O propósito é fazer com que a sociedade entenda como a psicopedagogia pode contribuir significativamente no intuito de derrubar as barreiras que impedem o sujeito de aprender, servindo assim, de suporte para o educador frente as dificuldades encontradas no seu exercício profissional. Trata-se, portanto, de um instrumento, auxiliador no processo de aprendizagem, tanto para alunos, professores como também para os outros indivíduos que compõem a instituição educacional, entendendo as relações interligadas estabelecidas nesse espaço.

O foco da psicopedagogia está em interpretar os diferentes obstáculos da aprendizagem, dentro da compreensibilidade dos fenômenos existentes no sujeito, por meio de uma visão múltipla de causalidades para se chegar a sua definição, enxergando as limitações presentes no indivíduo, respeitando o conhecimento que o mesmo já possui, onde, só a partir daí, irá o orientar e buscar o tratamento que corrobore na extinção de sua deficiência.

Cabe a psicopedagogia atuar no sentido de detectar possíveis perturbações decorrentes do processo de aprendizagem; participar das relações da comunidade educativa; na orientação metodológica, educacional, vocacional e ocupacional, seja

de forma individual ou em grupo. Sua intervenção de maneira preventiva e corretiva no tocante aos problemas de aprendizagem da leitura e escrita é caracterizada por uma ação sistemática através de diagnóstico que diferencie erros básicos decorrentes do processo de aprendizado por transtornos específicos, como a dislexia e a disortografia por exemplo.

Indiferentemente, em todos os casos, é preciso compreender o aspecto multidimensional que provoca a existência e o agravamento desses problemas, sendo o plano de intervenção suporte nesse acompanhamento. Nos casos constatados de deficiências específicas, o agir é condicionado de acordo com seu grau e peculiaridade. Como exemplo, analisemos os dois transtornos citados em particular, a dislexia e a disortografia, observando como a psicopedagogia trabalha na solução de cada problema.

Basicamente, conforme Simaia Sampaio (2011), o indivíduo que possui dislexia apresenta dificuldades para identificar a ordem das letras do alfabeto, na escrita de letras e números e na ordem das sílabas. Ao ser identificado o transtorno, o trabalho com esse sujeito começa pela difusão do entendimento de que o mesmo não possui uma doença, mas sim uma dificuldade de interação com a escrita, seus falantes e com a aprendizagem da linguagem. Desse modo, a intervenção psicopedagógica parte inicialmente da orientação de pais e educadores sobre a face do problema.

Posteriormente, são feitos trabalhos dirigidos através de jogos, leituras compartilhadas, atividades que estimulem o desenvolvimento de habilidades de atenção e memória, escrita, norteado sempre pelo resgate da autoestima do sujeito, onde, por meio desse agir, seja encontrado modos compensatórios de aprendizado. A união pelo psicopedagogo do treinamento da consciência fonológica com a instrução sistemática da leitura poderá contribuir para a assimilação de fonemas, no desenvolvimento do vocabulário, e numa melhor compreensão e fluência da leitura e escrita, pois sua finalidade estará voltada para o reconhecimento de sons, sílabas, palavras e, finalmente frases pelo disléxico.

Já, segundo Simaia Sampaio (2011), quanto ao indivíduo que possui o transtorno da disortografia, o que é afetado em si é o fato de ser modificado o traçado da linguagem escrita. Não diferente do sujeito detentor do transtorno da dislexia, aqui, o elevar da autoestima deve ser priorizado, favorecendo a interação e a

aprendizagem. O lúdico também é peça chave nesse processo de instigar o sujeito, através de brincadeiras, jogos e músicas. O incentivo da percepção visual e da memória é trabalhado priorizando recursos como cartazes com letras e números espalhados pelo ambiente, diversificando-se tais estratégias a medida que o psicopedagogo observa evoluções durante o processo.

Constatam-se atualmente inúmeros transtornos de aprendizagem que podem vir a afetar o sujeito, onde, no trabalho optou-se por citar dois em particular, apenas para efeito de exemplificação. Após análises, entende-se que, a motivação é o fator primordial que desencadeia o processo de aprendizagem, estando ligada as relações estabelecidas durante esse processo (CORREIA & MARTINS, 2005). A apropriação do conhecimento parte do interesse do aluno, onde, um não acompanhamento significativo de suas dificuldades, a cobrança excessiva ou má condução do processo de aprendizagem pode determinar na frustração desse sujeito, no desgaste de sua autoestima, contribuindo para uma formação deficiente.

Ou seja, o fracasso na aprendizagem não deve ser compreendido somente pela incumbência de possíveis deficiências por parte do aprendente. Conforme salienta Alicia Fernandes (2001, p. 30), “ser ensinante significa abrir um espaço para aprender”. É importante que os professores compreendam a interatividade presente no processo de aprendizagem. Esta não é única e exclusiva de sua ação, pois envolve uma parceria entre educador, aluno e o meio ao seu redor. Nesse processo o professor é mediador, coparticipante no aprendizado do sujeito, onde, possibilita condições para superar as dificuldades existentes. O jogo de responsabilidade em nada contribui para o eliminar dessas dificuldades, ao contrário, provoca um entrave na construção do saber.

A psicopedagogia pode contribuir nesse contexto ao levar o educador a refletir sobre suas ações enquanto profissional docente, atento as dificuldades e singularidades de seus alunos, através de um atendimento personalizado voltado a aprendizagem, por meio de experiências relevantes que envolvam ambos não só no que concerne a vivencia escolar mas a uma convivência maior, através do acompanhamento e diagnóstico diário, com o objetivo de que o docente consiga observar dificuldades em seus alunos e desenvolver habilidades que estejam ligadas direta e indiretamente a escola.

A prática pedagógica de modo algum constitui uma tarefa simples, sua complexidade exige não só o envolvimento inter-relacionado entre *escola-aluno-família*. A inserção de outros profissionais ligados a educação permite novos olhares que podem vir a contribuir para a superação de barreiras que dificultam o processo de aprendizagem. A exigência que caracteriza o aprendizado da leitura e escrita e, assim, a construção do sentido, necessita de mecanismos adequados que atendam a pluralidade de seu processo, atento as dificuldades que podem e estão presentes naqueles que se encontram inseridos nesse processo do aprender. Agir com naturalidade a tais dificuldades parte do pensamento de Teresinha Nunes (1992), que alerta para que as mesmas sejam esperadas, visto a singularidade das habilidades presentes em cada ser.

O papel da psicopedagogia no processo de aprendizagem da leitura e escrita na construção do sentido está, portanto, em encarar naturalmente as dificuldades que emergem e solucioná-las. Apresentando uma perspectiva diferenciada, personalizada a cada indivíduo na formulação de hipóteses quanto as causas através da observação e análise que envolva características multidimensionais, busca solucionar as deficiências existentes respeitando as limitações e o conhecimento característico de cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da competência comunicativa, da leitura de mundo, das possibilidades de agir e se posicionar frente as ações do meio circundante na exteriorização do pensamento e de sua transmissão, resulta e necessita do uso preciso da linguagem, na adequação de seus discursos e na compreensão daquilo que está sendo transmitido, adquirido somente através de sua aprendizagem, o que contribui para a construção e discussão de valores sociais.

Nesse contexto, emerge a preocupação desta pesquisa, girando sua reflexão em torno do processo de aprendizagem e suas dificuldades, sendo mais específico, na aquisição da leitura e escrita na construção do sentido. A análise, realizada sobre uma perspectiva psicopedagógica, é fruto do reconhecimento interdisciplinar da psicopedagogia com outras áreas do conhecimento, possibilitando uma abordagem reeducativa sobre a temática do fracasso escolar

A psicopedagogia trouxe contribuições importantes quanto as discussões sobre a prática da leitura e da escrita, ao se preocupar em promover reflexões a respeito do processo de aprendizagem, focalizando o ser humano em formação. Destaca-se o caráter apto do psicopedagogo em diagnosticar as dificuldades nesse processo por meio de intervenções, atento as singularidades e os aspectos como um todo que compõem o universo de cada sujeito.

Esse campo do conhecimento serve como suporte para solucionar os problemas de aprendizagem, numa perspectiva onde se torna possível refletir sobre a realidade contextual do aluno e da escola como um espaço interativo, sintetizando de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos, determinantes a condição do sujeito em sua totalidade.

Não se trata de classificá-lo como o único meio possível de derrubar as barreiras que impedem o sujeito de aprender de maneira significativa, desqualificando ou desmerecendo o trabalho do professor nesse quesito. Compreende-se que a prática pedagógica não constitui uma tarefa simples, por isso, suas dificuldades não devem ser encaradas como sendo de única responsabilidade do educador que ocupa

a profissão docente. A pretensão de tal abordagem é promover o olhar de educadores e a sociedade afim para as contribuições que a psicopedagogia pode exercer no objetivo de solucionar as lacunas que permeiam o processo de aprendizagem, num trabalho em conjunto com todos aqueles que compõem a esfera educacional.

Conforme constantemente debatido na pesquisa, ler vai além da ação de decifrar códigos linguísticos, trata-se de atribuir significado a um texto, de construir sentido. A leitura e escrita estão intrinsicamente ligadas a esse processo, fazendo parte do processo comunicativo. A importância de seu aprendizado perpassa a ambiência escolar, atingindo significativamente o meio circundante do sujeito e sua relação com os recursos nele presente.

Informar, opinar, comunicar, auxiliar, tudo envolve uma inter-relação entre quem transmite e para quem é transmitida uma ideia, um conceito. A leitura transborda os livros nos mais variados recursos, presentes a todo instante em nossa vivência diária. Dessa forma, não baste somente conhecer as letras e as formas de combiná-las, é necessária sua significação para que se constitua valor.

Uma deficiência durante seu aprendizado pode determinar numa formação falha do sujeito enquanto ser socializante, corroborando para a construção de um indivíduo incapaz ou insuficiente de exercer de maneira ativa e consciente seu papel na sociedade. Estamos falando de expor suas opiniões com clareza, de raciocinar com criticidade aquilo que é exposto, transmitido. Tudo isso é aprendizado que não permeia somente na escola mas, que nesse espaço, é fomentado.

A psicopedagogia age, portanto, no sentido de diagnosticar e procurar criar competências e habilidades para solucionar os problemas decorrentes de deficiências ou falhas durante o processo de aprendizagem, dentro da multidimensionalidade de causas que ocasionam o fracasso no exercício do aprender. A naturalidade em se compreender a existência dessas dificuldades deve ser encarada como primórdio para sua eliminação, atento as singularidades que envolvem particularmente cada caso.

REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola.** São Paulo: Loyola, 1992.

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei Nº 9.394, 20 de Novembro de 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua portuguesa. Brasília:1998.

CORREIA, L. de M.; MARTINS, A. P. **Dificuldade de Aprendizagem: Que são? Como entendê-las?** Rio de Janeiro: Porto, 2005.

COSTA, A. A.; PINTO, T. M. G.; ANDRADE, M. S. **Análise histórica do surgimento da Psicopedagogia no Brasil.** Id online Revista de Psicologia, Julho de 2013, vol.1, n.20, p. 10-21. ISSN 1981-1189.

FERNANDES, Alicia. **Os Idiomas do Aprendente: Análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização.** 24ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emília; PALÁCIO, Margarita Gomes. **Os processos de Leitura e Escrita,** 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua Escrita.** 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. 24ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Autores Associados – Cortez. Coleção polêmicas do nosso tempo, 1983.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico.** 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Escrita e Leitura: natureza do processo. In: **Leitura, produção de textos e escola: reflexões sobre o processo de letramento.** Campinas: Mercado de letras, 1994.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teorias e prática**. São Paulo: Cortez, 1992.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldade de Aprendizagem e Família: Construindo Novas Narrativas**. São Paulo: Vetor, 2001.

ROINDO, Joicy Maria Rezende; SOUZA, Francisco Edilson de. **Leitura/Escritura: um processo de construção de sentido**. Anhanguera Educacional S. A. Revista de Educação, vol. XI, Nº 12, 2008. Publicação: 19 de Novembro de 2008.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: WABK, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVEIRA, Tatiana dos Reis. **Psicopedagogia: um novo olhar frente a disortografia**. Revista Historiador Número 06. Ano 06. Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia: novas contribuições; organização e tradução** Andréa Morais, Maria Isabel Guimarães – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

XAVIER, Maria; PAIVA, Rita; SILVA, Maria. **Um olhar psicopedagógico no processo de leitura e escrita: um estudo com um aluno do terceiro ano do ensino fundamental**. Fórum internacional de Pedagogia. 30 de julho a 01 de agosto de 2014, Santa Maria/RS–Brasil, n.p.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **VIRLAINY DE SOUSA ROCHA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO: PROCESSO E CONCEPÇÕES DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NUMA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 24 de Janeiro de 2018.

Virlainy de Sousa Rocha

Assinatura